

O MOSQUITO.



PERIODICO POETICO E LITTERARIO DEDICADO AS JOVENS FLUMINENSES.

Publica-se aos domingos. Assigna-se á 1\$000 rs. por trimestre em casa dos Snrs. Paula Brito, Praça da Constituição n. 64, e Morando, rua do Ouvidor n. 158, onde se vendem á 80 rs. avulsos.

O MOSQUITO.

Uma lagrima de amor.

Os olhos da virgem formosa não choram sem risco de quem os vê lacrimar, porque a mulher quando é pura conquista mais com lagrimas que com sorrisos! Não sei porque a tristeza e melancolia me merecem tanta attenção! A vivacidade em um semblante seductor fascina, arrebatada e enleva; excita sensações incendiadoras, acende anhelos fogosos, origina o desespero e a confusão. A tristeza porém, impressa em um semblante moreno corado mui de leve, bello, cheio de candura; a tristeza, imagem da ternura, vibra uma sensação lenta, porém doce, captiva todos os anhelos, anniquila o fogo, e desafia um appetite cheio de magias, e gozos, que demanda ser fruido com placidez e socego!

E quem possuindo a poesia do coração não preferirá uns olhos pretos prenhes de lango-

res, á estes olhos azues loureiros e travessos?

Quem dotado de sensibilidade não curvar-se-ha ante um rosto melancolico, bello como a lua adormecida no meio de uma nuvensinha?

As lagrimas arrancadas pelo Deos de amor, correndo pelas faces lindas de uma donzella, á tal ponto a enbelezam, que aquelles que a contemplam em extasis de admiração, insensivelmente se deixam senhorear!

Dous corações muitas vezes embebidos em amor, adormecem circundados de prazeres; o écho do destino de repente soa, e estes amantes despertam do delicioso lethargo que os embriagava. — É mister separar-vos: — eis o clangor do fado:

Oh! uma lagrima é a expressão desta mulher fada, que a pouco so vivendo de amor, vê-se forçada a ausentar-se do homem predilecto de sua alma!

E esta lagrima é uma lagrima de amor!!..

Dous annos decorrem, e esse amante ex-

FOLHETIM.

ADELAIDE OU A FLOR DOS PENSAMENTOS DE UM JOVEN.

Novella pelo redactor, escripta na Campanha Argentina

Deixal-a, ame quem quizer,
Amor forçado não val,
Por ser mais fraca a mulher
Deixa de ser nossa igual?
Tem coração qual nós temos,
Que cêda qual nós cedemos!
(DR. BONIFACIO).

CAPITULO 3.

(Continuação do n. antecedente).

Em quanto no Rio de Janeiro taes acontecimentos decorriam, gyrando Cesilio continuamente de precipio em precipio, na capital da Bahia, uma casa havia, que era o theatro

Oh paes, que vendeis vossas filhas a ouro, lêde estas destroncadas linhas, e reflecti nellas!

Amor é um sentimento inspirado, e não forçado; é um sentimento que sendo expontaneo eleva-se repentino, entretanto que a violencia muitas vezes destróe até méra affeição!

Os sentimentos mais nobres são inspirados, e apenas o ente nascido para inspiral-os produz o effeito anhelado!

E o pae que vende sua filha é um perverso, é um ente que rompe os limites do bom siso e da vergonha, e para conseguir seu fim lhe é mister mil esforços! E o premio de tal violencia é o arrependimento!

E esta casa era a de Adelaide!

Sua familia era Pernambucana, e dotada do um caracter bondoso! Se o pae, porém, era um portuguez de um coração empedernido, a quem chamaremos Gaspar.

— Minha boa filha (lhe disse um dia), tenho-me esmerado o mais possivel em tua educação e fôrmento, e applicação tem co-

remoso, que dousannos de saudades ha sunegado, jubiloso vò a os braços de sua Divindade! Abraçados, no meio das mais suaves effusões, fruindo excelsas venturas, ainda esta mulher chora, e seu pranto é a expressão de seu contentamento, é o symbolo da sua felicidade! E esta lagrima é ainda uma lagrima de amor!

Palavras tão replectas de doçuras que invadam quem não tem amado a derrama-las! Oh! o pranto é a expressão da dôr, e a dôr é o sentimento que connosco mais sympathisa! Vós que me não comprehendéis, amae com ardor, com este fogo sensível mas indivisível, e dir-me-heis após senão é doce e bello verter uma lagrima de amor!

A mulher.

ARTIGO 3.º

(Continuado do n. 5.)

Contempla, mulher, admira a tua missão sobre a terra, medita, attenta no brilhante papel que te deu o Omnipotente para representares no immenso theatro do mundo, e ao depois lastíma bastante a educação que os homens sempre te deram.

Na aurora de tua vida, tão pura como a pomba, tão bella e candida como a flôr inda encerrada no mimoso botão, sem ter conhecimento deste oceano de misérias, acreditas nas palavras fementidas de um amante ingrato, e lhe entregas tua debil mão; e como se tivesses sobre os olhos uma venda, te deixas levar ao terrível cachópo da deshonra...

Mulher, fuge!..

Homens existem que adoçam as suas palavras, porque conservam no interior de seu peito um desses corações que só consideram a

extremo bella, quero portanto dar-te um futuro ditoso! O Snr. Sampaio pediu-me tua mão, e eu lh'a concedi, porque minha Adelaide não querára outro consorte senão o que seu pae lhe tiver destinado. Não é assim, Adelaide? Porém, choras! Ter-me-hei enganado! Quando devias cheia de jubilo agradecer-me o luminoso futuro que te aponto, tu córas e ficas enleuada!

Abre teu coração, Adelaide; falla, explica-te!

— Meu pae, não me quero casar! Tenho 13 annos, e gósto muito de estar junto de mamã! Não quero, meu bom pae; e espero que me conceda tal graça!

— Assás comprehendendo teu enleio! Amas outrem, pois bem, comprometti minha palavra, e tu has de cumpril-a.

E sahio rancoroso, lançando sobre sua filha um olhar brutal que a arrojou por terra.

O Snr. Sampaio, eis o homem, que foi escolhido para esposo de Adelaide, de um anjo feiticeiro! Analyse-mol-o.

honra como uma palavra vã; um desses corações que não reputam, nem o pudor nem a virtude...

Mulher, onde está a tua educação?

Recolhida no interior de teu aposento, tuas occupaões cifram-se sómente em *costuras*, e não podes sorver o calix da litteratura e da sciencia, porque os homens t'o prohibem.

Mas ah! se elles perscrutassem teu coração, se vissem como nelle imperam a bondade e a doçura, captivos ficariam certamente por tão sublimes dotes, e te entregariam este mesmo calix, e então comprarias satisfactoriamente a tua missão e merecerias o nome de — mulher. —

Oh! quanto eu te admiro nessas horas em que o Ministro do Altissimo celebra o Santo Sacrificio da Missa!

Attenta e contricta folheas as paginas de teu livro de orações, e quando o Deos Crucificado apparece a nossos olhos, és a primeira, que curvando a tua delicada fronte, e levando a dextra ao coração, pronuncias estas palavras: — Meu Deos, valei-me...

Elle.

(Continuar-se-ha).

ALBUM DA NOITE.

Offerecido á Illm.ª Sna. * * pelo Redactor.

CAP. 1.º

Cinco horas soaram! O clangor dos clarins atrôa os ares!

Vêm comigo, Carlina, á margem espaçosa daquelle formoso regato, que se deslisa magico, movendo placidamente suas aguas de crystal admirara grandeza da natura! Vêm, eu necessito muito fallar-te, porque ha tres annos cuidadoso occulto um sentimento no

O Snr. Sampaio era natural da cidade de Braga, no reino de Portugal.

Em 1836 chegou á Bahia, tendo apenas 18 annos de idade. O seu primeiro emprego, naquella provincia, foi vender carvão em um cesto, que trazia sob a cabeça; depois teve varios empregos, pouco mais ou menos do mesmo calibre, até que foi caixeiro de uma loja de fazendas, e envenenando seu amo, della se tornou proprietario, forjando um testamento falso, o que não admira no Brasil!

O Snr. Sampaio era então forte negociante quando pretendeu ser esposo do Adelaide! Segundo seu antigo costume, ainda não se pudera acostumar a andar de gravata.

Adelaide fôra conduzida á seu quarto, e quando sua imaginação tranquillizou-se, lançou suas vistas ao passado, e entregou-se a doces reflexões, reflexões de virgem sobre seu primeiro amor, que é o idolo de sua alma, porque a innocente donzella quando ama, comprehende tão diletavel missão!

(Continúa).

fundo d'alma. Ah! se conhecesseis a potencia desse segredo; se contemplasseis como me deleita e enleva, deixar-te-ias tambem por elle arrebatado! Vem, não córes, que eu sou incapaz de offender-te o melindre.

Repara nesta campina tão florida, alcatifada de boninas, umas de côr de teu jaspeado côlo, outras tão rubras como teus labios quando sonhando vagamente com o objecto ideal que de ordinario emballa os pensamentos da virgem!

Olha aquella avesinha como trina ternamente junta ao consorte, que no galho da laranjeira succa o dulcificado nectar das flôrinhos que a esmaltam!

Vês, além aquelle pastor que ao harmonico som de sua flauta guia ao prado seu rebanho? Sabes a razão porque o jubilo ornallhe o semblante? Ah! não sejas tão curiosa; espera que ainda é cedo para fallar-te nisto! Estende a vista por esta vasta amplidão, torna-te estranha a todos os encantos que a bordam, e flecte teus olhares no horizonte! Qual a razão porque se acha aglomerado de nuvens quando o céu está limpido como é pura a alma da donzella!... Espera, pouco a pouco as nuvens se desenrolam, estendendo-se pelas serras; não achas extravagantes aquelles phantasmas que bisarramente se divisam a proporção que ellas surgem das ondas... Mas que? subitamente estas nuvens tornaram-se de prata, e um rubor longinquo como o de tuas faces, doura-lhe as orlas! O mar ainda á pouco anilado, torna-se ali vermelho como fogo; os cimos das collinas aurifugem, entretanto que um lençol de aljófar lhes cobre a base! Vês que quantidade de garças se banham no Oceano? escutas os gorgeios das aves que despertam, o estridor do tiro do caçador que atropella um veado, o ruido dos tambores que se onsaíam! Olha como o céu está pintado de nuvens alvi-rosadas! Oh, Carlina, repara o sol como desponta gracioso reflectindo nos verdes ramos deste arbusto, que inclinado beija a corrente das aguas! Sabes o que significa isto? é a aurora que nasce! E sabes porque quiz que testemunhasseis este quadro? é porque a aurora de uma vida de gozos e pesares, surgiu para mim no dia em que pela primeira vez te vi em um baile, quando trajavas pomposas gallas do artificio, que sobressahiam mais em ti, que todos estes paineis da natureza!

Então, ó meu Anjo, eu nasci, porque té então eu vivera uma vida de innocencia, ao lado de uma mão extremosa. Até então eu vivia sem gosto, sem anhelos, sem intenções!

(Continuar-se-ha).

A' uma moça morena com quem me encontrei em uma reunião.

O silencio é ás vezes a expressão de uma admiração profunda! O que dizer se és o complexo de todos os dotes que a natureza pôde conceder! Nada, além de uma supplica!

Não estás, Luiza, satisfeita do throno que erigiste em todos os corações que são dotados de sensibilidade? Não tendes plena convicção, que sois uma das flôres primorosas do celeste ramalhete? Não conheces o poder de vossos olhares travessos, qual a estrella que descuidosa fulge ainda depois do albor da manhã?

Pois bem, se reúnis todos os atractivos imaginarios, para que sois tão impiedosa? Oh! eu vos impetro, que jámais vos apresenteis com estes cabellos annellados soltos a esmo? Tendes um só coração, um só vos pôde pertencer; entretanto, que muitos já carpem um amor inditoso! Luiza, este vestido côr da rosa de Abril, estes cabellos mais pretos que os de Ganymédes, fascinam, arrebatam, enredam, torturam, porque vêr-vos e não poder-vos dedicar uma vida inteira, vêr-vos sem merecer um sorriso, é o maior tormento que pôde aca-brunhar aos que vos admiram.

Improvisado do Snr. Lerak de Sá.

Já em noite de luar,
Escutaste uma canção,
Cujos sons te traz a brisa,
Quando tudo é solidão?
Já em noite de luar,
Escutaste uma canção?

Já escutaste uma flauta,
No silencio modulada,
Quando a sós tu meditavas,
Com tua alma amargurada?
Já escutaste uma flauta,
No silencio modulada?

Já te sentaste na margem,
D'um formoso ribeirincho,
Ouvindo arrulhar a rolla,
Em torno do casto ninho?
Já te sentaste na margem
D'um formoso ribeirincho?

Já miraste uma donzella,
Em seu leito adormecida,
Co'as lindas tranças cabidas,
No côlo formoso e nú?
Já miraste uma donzella,
Em seu leito adormecida?

Vendo ella se sorrir
N'um sonho voluptuoso
Quebrar um doce suspiro,
N'um instante venturoso?
Vendo ella se sorrir,
N'um sonho voluptuoso?

Do que isto é mais formoso,
Vêr Carlina, terna e bella,
Scismando sósinha á noite
Merencoria na janella!
Do que isto é mais formoso,
Vêr Carlina, terna e bella?

Em resposta.

POESIA LIVRE.

Já contempleste a manhã,
Surgindo magica e bella.

Dentre collinas soberbas,
Cobertas de verde relva,
De boninas tapeçadas,
De florinhas estrelladas?

Já escutaste do naufrago,
O canto grato e harmonico,
Bemdizendo o Omniponte,
Por arrancar-lhe das vagas,
Que crespas encapelladas,
Rorejavam sublevadas.

Já ouviste o acre gemido,
Exhalado pela pomba,
Que do ramo cáe ferida
Quando contente saudava,
A campina que habitava,
Ao esposo que adorava.

Já viste o forte soldado,
Que da campanha regressa,
Abraçando a seus filhinhos,
Beijar-lhos na tenra fronte,
Chorando pela consorte,
Que lhe roubara a morte?

J'ouviste o dorido canto
Da donzella torturada,
Que dos braços do amante,
Fôra sem dó arrancada,
Quando queimada em pudor,
Filtrava um beijo de amor?

Já miraste uma donzella,
Colhendo niveos jasmims,
Com negligencia vestida,
Co'as madeixas desgrenhadas,
Quando a lua despontando
Vae seu cólo prateando!

Tem mais magia, mais graça,
Carlina quando fallando,
Mais feitiços, mais encantos,
Carlina quando dançando;
Mais innocencia e pureza,
Carlina quando sonhando!

SONETOS.

E' amor, ó mortaes, um pensamento
Que se cria nos braços da incerteza,
E' cadêa que traz a vida preza,
Fabricada nas mãos do fingimento.

E' dos olhos pestifero alimento,
E' golpe que não pôde ter defesa,
E' cadêa que traz a vida presa,
Edificio com pouco fundamento.

E' mal que ao mundo tem contaminado,
Só o julga por bom quem o pertende,
Emquanto senão chama desgraçado;

E porque o mesmo mundo o não comprehende,
E' amor finalmente em todo o estado,
Labyrintho no qual ninguem se entende.

Aquelle que de amor se achar ferido,

Por taça de ouro muitos tem bebido,
Encoberto veneno a seu respeito,
Conhecendo depois o duro effeito
Dos laços em que tantos tem cahido.

Amor é sombra vã, uma apparencia,
Occulto precipio dos humanos;
Ditoso o que lhe mostra resistencia.

Fugi, mortaes, com estes desenganos,
Qu'antes fugir sem ter delle exp'riencia,
Que depois de soffrer seus crucis damnos!

N. B. Não temos a satisfação de conhecer
o autor desta bella poesia, pois nos foi remet-
tida sem assignatura.

CHARADAS.

Sirvo para offender,
Tambem para salvar, 2
Povos, valles, meus vizinhos,
Sei manter, fertilizar. 2

CONCEITO.

Não ha casa alguma,
Sem de mim precisar,
Para seus tarecos,
Fiel lhe guardar.

Para maior segurança
Existe na fortaleza; 2
Serve para muitos usos,
E the mesmo p'ra a limpeza 2

CONCEITO.

Sublime composição
Do genio sómente digna
Q'a alma deixa encantada
Com harmonia divina.

Assim se diz de quem tem,
Um nome ao seu semelhante 2
Assim desejo que faças,
Pois é acção mui brilhante. 1

CONCEITO.

Bella invenção,
Do genio fino,
Que p'ra saber
Precisa tino.

D.

As decifrações das charadas do numero an-
tecedente é: — Da 1.^a, *Fado*; da 2.^a, *Caro-
lina*; e da 3.^a, *Potentado*.

ERRATAS.

No n. 3 — no Folhetim — em lugar de
surgindo — lêia-se — surdindo; em lugar de
acrosticas — lêia-se — exoticas.